



## PADRÕES DE CONTATO



### Parte I

## ESTRELA CADENTE (2426 AD)

### 1. REUNIÃO DE CÚPULA

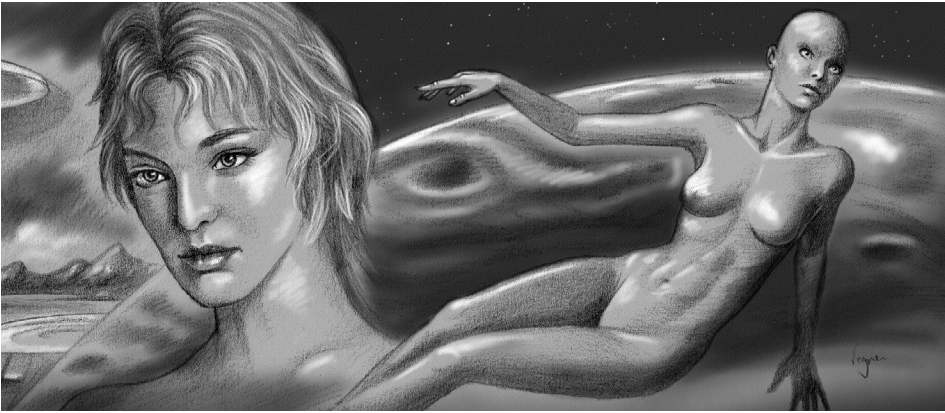
Júlio Miranda sentia-se tão confortável quanto qualquer ser humano jamais se sentiu fora do ventre materno. A brisa fresca e suave do sistema de controle ambiente embalava-o e entorpecia seus sentidos num convite ao sono. Música suave chegava aos seus ouvidos enquanto a luz azulada, vinda da pátria de todos os homens, filtrava-se pelas janelas polarizadas, emprestando ao ambiente uma qualidade submarina.

Júlio pensava em fechar os olhos e imaginar-se na cabine de algum barco naufragado nas águas novamente transparentes do Mediterrâneo, ou então convertido em átomo, prisioneiro nas profundezas de alguma jóia cristalina.

Pena que fosse quase impossível dormir ali. Não com o mundo a seus pés inundando a mente de luz, cor e formas.

Vista de 2.500 quilômetros de altura, a Terra era uma visão de arrancar o fôlego, algo que paralisava a mente de tanta beleza e ma-





jestade. Um imenso hemisfério luminoso com nuvens brancas brilhando como neve, oceanos de todas as tonalidades possíveis de azul mais a filigrana intrincada dos continentes. Tudo achatado numa película de luz pura, inflada em cúpula imensa a estender-se abaixo, como um espelho convexo colorido refletindo para o alto os raios do Sol, num êxtase cintilante.

Só não havia sinal da humanidade. Mesmo nessa época de megaestruturas, ultratecnologia e corporações multiplanetárias, o Homem não fizera mais que arranhar a face do seu mundo. Aqui e ali, entre o desenho das nuvens, o observador mais perspicaz distinguiu um pequenino *flash*, indicando o brilho do Sol a refletir-se na forma esguia e achatada de alguma residência aérea, perdida no oceano celeste. Acima, no abismo negro e sem estrelas, luzes estroboscópicas assinalavam uma espaçonave, deixando as vivendas em órbita e piscando como vaga-lume.

Talvez fosse melhor assim, pensava Júlio. Afinal, a tecnologia mais eficiente é aquela que passa despercebida. Que se harmoniza com o ambiente ao redor sem poluí-lo ou destruí-lo, e nesse ponto a Terra estava em melhor situação do que em muitas épocas passadas. O parque industrial se fora para as colônias orbitais, implodido e se transformado em estruturas verticais, máquinas de viver em módulos geométricos. A síntese dos alimentos eliminara a agricultura e a pecuária, devolvendo à Terra as florestas e a vida selvagem.



Por último viera a antigravidade, com sua tecnologia de residências aéreas, transformando o mundo em paraíso para ciganos eletrônicos, famílias da sociedade do lazer que vagavam pelo planeta numa existência de prazeres e contemplação, nas conchas esguias de seus lares voadores.

Uma existência que talvez estivesse levando os seres humanos no rumo da decadência e da extinção. O Homem conseguira afinal entrar na utopia de seus sonhos, moldara a ferramenta à sua imagem e semelhança, para correr o risco de legar a ela a sua alma e o seu futuro, deixando o paraíso a custo obtido para suas criações de metal e plástico.

O casulo em forma de cebola alongada do transporte orbital começou a girar, mudando de atitude e fornecendo a Júlio seu primeiro vislumbre da Antena.

Na falta de perspectiva do espaço era difícil julgar o verdadeiro tamanho da tigela brilhante, flutuando inclinada sobre o abismo. A forma geométrica nitidamente artificial e o brilho cromado contrastavam com a Terra multicolor abaixo, a silhueta elíptica num desafio à esfericidade da Lua, pálida junto ao horizonte curvo. Tudo isso conferia uma qualidade mágica e levava a mente a titubear, iludindo-se na crença de ver apenas um objeto pequeno flutuando lá fora, a alguns metros de distância.

E então a vista percebia a mosca prateada do cargueiro interplanetário ao lado e os números freqüentemente ouvidos e comentados adquiriam, afinal, significado.

Aquela bandeja tinha dois quilômetros de diâmetro e estava a mais de 6.000 metros lá embaixo, deslizando silenciosa acima do Mar Vermelho. A maior antena móvel de radiotelescópio, montada no cinturão de asteróides e então lançada numa trajetória elíptica, como um cometa artificial, até cair e ser aprisionada no campo gravitacional da Terra, a última etapa antes de atingir sua posição final em órbita estacionária sobre o lado oculto da Lua.

Mais uma megaestrutura produzida automaticamente, segundo especificações estabelecidas por um computador numa fábrica orbital inteiramente automatizada, para que outros computadores possam usá-la para sondar os mistérios do Cosmos.

O companheiro de Júlio em seu salto para o espaço, Dr. Patrick Osambo, inclinou-se sorrindo junto ao recosto da poltrona, os olhos escuros fitando a Antena lá embaixo.

– Uma beleza, não? Mesmo agora continua operando, enviando dados para a Ilha Dois, enquanto seu receptor escuta o plano galáctico.

- Às vezes me pergunto aonde eles nos levarão...
- Quem?
- Os construtores da Antena. Ômicron, Marcuse e outros...
- No momento estão nos levando para a Ilha Dois. É só onde quero chegar. A propósito, tem idéia do motivo por trás desse convite surpresa?
- Saberemos logo. Sente-se e aproveite o passeio.

Para sua surpresa, o conhecido exobiólogo do Quênia aceitou a sugestão, pegou uma videoprancheta e sentou-se do outro lado da cabine, sintonizando o aparelho no canal local de videorama.

Lá em cima uma estrela brilhante transformou-se gradualmente numa imponente colônia orbital em forma de esfera, girando ao redor de seu eixo para produzir “gravidade” centrífuga no mundo às avessas montado em sua superfície interna.

Imensas aletas irradiadoras e painéis solares, projetando-se dos pólos, estendiam-se 1.500 metros além da esfera Bernal do *habitat*, ela própria uma megaestrutura com seus 500 metros de raio. Enquanto se aproximavam ela cresceu até tapar o céu à frente, um mundo em miniatura feito pelas máquinas, a servir de contraponto ao mundo tradicional, azul e feito pela natureza.

O espaçoporto com suas docas situava-se no “pólo norte”, e Júlio pôde observar um imenso vaso de passageiros, em forma de anel, desligar-se suavemente e deslizar, os propulsores iônicos acelerando o enorme aro prateado no rumo dos planetas exteriores.

Devia haver mais de 1.500 passageiros naquela nave e Júlio pensou nos jovens casais, aglomerados junto das janelas panorâmicas, tirando fotos e gravando cenas da Terra que se afastava, do Sol mergulhando no horizonte e da Lua além.

Sentia um desgosto ao pensar naqueles jovens, todos belos e saudáveis, como estátuas de pele bronzeada, cabelos longos flutuando na baixa gravidade, rostos sorridentes. Uma coleção de Apolos e Afrodites sem responsabilidades, sem objetivos que não a busca do prazer e dos divertimentos. Filhos mimados do “admirável mundo novo”, eternamente sob a tutela de máquinas que trabalhavam para eles, e talvez até sonhem por eles.

Talvez fosse tarde demais para deter o processo. Ninguém se importava, ninguém queria se preocupar. Até as empresas multiplanetárias já eram geridas efetivamente por inteligências artificiais. As pessoas não queriam pensar, preferindo entregar-se aos jogos eróticos, ao videorama, aos holonigmas.

“Se as máquinas vão herdar o mundo”, pensou Júlio, “talvez elas nos mantenham como animais de estimação, espécimes de exibição treinados e vitaminados para disputarem prêmios, como os rapazes e moças naquela nave de cruzeiro.”

Com um último sussurro dos jatos de frenagem, o casulo cristalino do ônibus espacial foi engolido por uma das docas pressurizadas e Júlio e Patrick penetraram no mundo sem gravidade do eixo da colônia.

Um elevador levou-os até a sacada, e de lá para o mundo sintético dentro da esfera Bernal.

Uma paisagem rural, com casinhas em meio a bosques de ciprestes e lagos, fora moldada ao longo da superfície interna da esfera giratória, formando uma cinta de terreno terraformizado a acompanhar o equador, estendendo-se até os “trópicos” onde a “gravidade” centrífuga começava a diminuir.

Os recém-chegados embarcaram num pequeno carro magnético movendo-se sobre monotrilho, que os deixou na porta do prédio do Centro Radioastronômico, no meio da vila.

Júlio deu uma última olhada ao redor, pensando no paradoxo dos cenários rurais e paisagens bucólicas no interior das ilhas espaciais de uma humanidade que se lançava às estrelas e ao mesmo tempo precisava refugiar-se nas lembranças de uma vida mais simples e pacata.

Uma recepcionista sorridente os recebeu, checkou suas identidades num terminal videoprancheta e por fim os conduziu à sala de conferências.

Júlio reconheceu algumas das pessoas presentes no minianfiteatro: o especialista em física solar Dr. Ramon Sikar, o decifrador da linguagem dos golfinhos Dr. Pierre Laban, a especialista em inteligência artificial Dr.<sup>a</sup> Natsuko Shimura, o explorador galáctico Albert Duncan... A reunião prometia.

O mestre-de-cerimônias parecia ser Gabriel Segura, administrador no quadro da Agência Espacial Terrestre. Ele checkou a lista de

convidados anteriores com inteligências extra-solares. O caso Tríade foi o mais notório e alguns dos presentes fizeram um excelente trabalho naquele evento histórico...

A lista dos convidados começava a fazer sentido para Júlio.

– ...Estamos enfrentando atualmente uma situação semelhante que vai requerer toda a nossa experiência combinada na avaliação dos riscos e potencialidades em jogo. Temos um canal *laser* direto com Marcuse, e vou pedir a “ele” que dê os dados essenciais.

Marcuse – ou Módulo Automático Registro Computador Universal – era a inteligência por trás da Administração. Uma vasta e em parte incompreensível mente cristalina, enterrada sob a capital do mundo num atol da Polinésia, com tentáculos de luz coerente ligando-a a todos os canais de dados e videoinformática deste lado do Sistema Solar.

A enorme tela de videorama na parede iluminou-se com o selo da presidência, substituído por um gráfico radioastronômico, enquanto uma voz soava no equipamento multifônico.

– Bom dia, cavalheiros. Tentarei ser breve e explícito. Contato de rádio hiperespacial foi estabelecido seis meses atrás com uma fonte de radioemissão navegando ao longo do Equador Galáctico, na direção da constelação de Hércules. Essa notícia não foi divulgada publicamente, mas logo o será, assim que dados precisos permitirem a elaboração de um comunicado. Análise preliminar revelou tratar-se de espaçonave alienígena, possivelmente tripulada, emitindo sinais de chamada em várias faixas de contato. Uma inteligência extra-solar que se autodenomina Batedor decifrou nossos códigos de comunicação e aprendeu nosso idioma muito rapidamente.

“Dois meses atrás, essa nave ou sonda estelar mudou seu curso e dirige-se presentemente para este sistema estelar. Com um fator de deriva hiperespacial de dois ponto dezesseis ela deve chegar às nossas vizinhanças dentro de precisamente 28 dias terrestres. Dados obtidos indicam que Batedor determinou a posição da Terra a partir dos dados que fornecemos, e tenciona pousar nesse planeta. Objetivo ainda não determinado... Informações recebidas indicam tratar-se de um veículo de tamanho modesto, possível sonda ou nave exploradora avançada. Segue material videográfico disponível. Creio ser desnecessário salientar as perspectivas vantajosas em termos culturais e tecnológicos de tal visita.”

A audiência, ainda boquiaberta, parecia paralisada de espanto. Júlio praguejou em silêncio, aturdido demais para qualquer outra reação.

Era nisso que resultara delegar responsabilidades às máquinas. Seres desconhecidos, potencialmente perigosos, enviam um sinal de rádio das profundezas do espaço, de bordo de uma nave ultraluz, e os judas cibernéticos dão todo o serviço. O mapa da mina e tudo o mais, com a localização do Sistema Solar e da Terra.

Para essas cabeças de pedra não conta que tais criaturas possam ser anti-humanas, portadoras de doenças desconhecidas ou de um choque cultural capaz de exterminar a humanidade. Oh, não! Para essas mentes matemáticas o que importa são os conhecimentos que vão adquirir mesmo que nos destruam a todos.

O astrofísico Ramon Sikhar parecia o primeiro a se recuperar do impacto.

– Hã... Marcuse... Como foi tomada a decisão de contatar o extraterreno?

– Uma reunião de alto nível foi organizada via canal *laser*. Os principais centros de decisões foram contatados, incluindo este que ouvem, o Oráculo de Selena e o Ômicron em Ganimedes.

– Sei... Você se refere às maiores inteligências sintéticas do Sistema Solar. Mas, e quanto às pessoas? Presumo que os principais quadros diretores foram ouvidos...

– Um comunicado sigiloso foi enviado à maioria dos governos. Compreendam que a decisão não podia aguardar muito tempo. Estávamos recebendo um sinal que podia ser um pedido de socorro de uma nave em apuros.

– Sei... Mas isso é irregular. Por que o povo não foi prevenido?

– Sem dados precisos? Seria no mínimo imprudente. Devo lembrá-lo de que fatores de tensão e ansiedade absolutamente indesejáveis poderiam surgir após um pronunciamento deste tipo. Temos uma população saudável e feliz que tem o direito de permanecer assim.

– Marcuse, não quero parecer impertinente...

– De modo algum, Dr. Sikhar. A propósito, tem feito um excelente trabalho em Mercúrio. Recebi os dados pertinentes à sua sonda solar e creio que o projeto merece uma recomendação.

– Obrigado... Mas como eu dizia... Onde eu estava mesmo?

– “Não quero parecer impertinente.”

– Oh, sim! Creio que o direito à informação é um bem inalienável, e neste caso... como direi... houve um atraso que fere a declaração dos direitos, no Congresso Marciano em Solis Lacus, quanto à liberdade de acesso informático em... ah...

– 2322. Certo, doutor. Mas no interesse do bem-estar geral, creio justificável. É notório que o Homem teme o desconhecido, mesmo nesta época iluminada, e é impossível prever o que uma declaração de contato apressada poderia causar em termos de dúvidas e temores infundados. O direito à saúde mental também é um bem inalienável que não se coaduna com uma população aflita e assustada. Temos 28 dias para preparar a humanidade para a chegada do Batedor, e os maiores centros de produção audiovisual serão mobilizados. Vamos ter um programa especial em todas as redes de videorama, mais um concurso para a escolha do casal que irá representar a raça humana na recepção ao Batedor...

– Marcuse, desculpe-me pela interrupção.

– Pois não, Dr.<sup>a</sup> Shimura.

– Por que não foi estabelecido um local mais adequado para o contato? A colônia de Plutão, por exemplo, ou o Porto Estelar em Eros?

Albert Duncan tinha outra sugestão:

– Acho mais prudente um encontro fora do Sistema Solar. Uma de nossas naves podia ir ao encontro deles.

– Senhores, senhoras. Por favor. Batedor insiste em descer na Terra. Quanto a um encontro no espaço, não temos nenhuma nave capaz de realizá-lo dentro das condições adequadas. Não há tempo para montar uma expedição de contato e qualquer tentativa improvisada poderia ser prejudicial.

Júlio não agüentou mais ficar calado.

– Isso é absurdo! Uma decisão dessas não podia ter sido aprovada sem um consenso geral. Estamos submetendo a humanidade a um risco incalculável. Não sabemos que tipo de criaturas ou inteligências estaremos trazendo para o meio de uma população indefesa.

– Por favor, doutor... Quero lembrá-lo de que qualquer inteligência suficientemente desenvolvida para controlar energias e desenvolver meios técnicos de uma viagem interestelar deve ser necessariamente pacífica. Uma espécie agressiva, presa a conceitos primiti-

vos de posse e território, seria levada inevitavelmente à autodestruição com a descoberta da energia nuclear. Como quase ocorreu com os humanos do século xx.

– Mas nós sobrevivemos, com nossos medos e nossa agressividade.

– Uma consequência do desenvolvimento da inteligência artificial no século XXI. Entregue a si própria, a raça humana estaria de volta à barbárie ou completamente extinta em muito pouco tempo. Para aqueles que temem monstros espaciais ou invasores extraterrenos, é sempre oportuno lembrar que o maior inimigo do Homem é o próprio Homem. Os monstros e invasores não passam de uma projeção da própria agressividade humana em figuras míticas. A personificação do selvagem que durante muito tempo habitou as mentes de seus semelhantes, doutor. É conhecido também que os seres humanos exterminaram e escravizaram muitas espécies animais. É natural que sintam a consciência culpada e se vejam eles próprios vítimas de criaturas mais poderosas.

– Vai apostar a sobrevivência da humanidade nesse monte de psicologismos?

– Não é uma questão de apostas, doutor. A teoria dos jogos não se aplica neste caso. Creio que eu e meus semelhantes temos feito um bom trabalho nestes últimos 200 anos, eliminando a escassez e produzindo a ultratecnologia que conduziu a humanidade para uma época de fartura, liberdade e conforto que seus antepassados julgaram impossível. Estamos erradicando a violência, a intolerância e a agressividade. Estamos criando pessoas saudáveis, dando-lhes prazer absoluto, segurança e conforto para que vivam satisfeitas, sem frustrações ou angústias. É este o destino do Homem: viver para a realização do belo, para a meditação e a experiência do prazer e do sublime em todo o seu potencial. Não podemos permitir que idéias superadas, preconceitos e xenofobias ameacem este ideal a tanto custo obtido, não é mesmo, doutor?

– Alguma dia gostaria de discutir consigo, excelência, aonde nos levará este mundo de homens e mulheres criados como mascotes de estimação. Totalmente mimados dentro de caixinhas de veludo. Por ora quero apenas chamar sua atenção para o perigo de um choque cultural. Dos conhecimentos e verdades trazidos por uma

inteligência alienígena para dentro deste paraíso hedonista que seus semelhantes cibernéticos sintetizaram.

– Discutirei consigo sobre o assunto que quiser assim que terminarmos esta reunião preliminar. Quanto ao choque cultural, permita-me tranquilizá-lo. Qualquer informação trazida pelo Batedor será processada por mim e meus colegas e filtrada de qualquer detalhe perturbador ou nocivo ao bem-estar mental do povo. Teremos controle absoluto sobre o intercâmbio de informações...

– Tem certeza?

– Absoluta! Vamos isolar a área de pouso e usar um código de troca de informações não acessível aos canais de notícias da população. Essa é uma oportunidade de ouro para aumentar a bagagem de conhecimentos da humanidade. Poderemos comparar nossos conceitos de moral, nossas filosofias, com o produto de mentes isoladas de nosso convívio. Se me permitem uma analogia, o Batedor é uma estrela cadente que atravessa o nosso céu em trajetória fugaz. E dentro de 28 dias vamos estender a mão para colher essa estrela que cai.

– Espero que não se queimem...

## 2. CASTELOS NO AR

Atlântida flutuava nas águas calmas do oceano que lhe dera nome, em plena região de calmarias, 500 quilômetros a leste das Ilhas Cabo Verde.

A cidade era uma megaestrutura alojada em esfera geodésica com 600 metros de diâmetro, como *iceberg* mergulhando nove décimos do seu volume nas águas escuras do oceano.

Apenas o topo abobadado erguia-se em ilha artificial, lembrando um cálice emborcado devido à plataforma do aeroporto, que se projetava em haste para receber o tráfego de aerocarros e residências aéreas entre a África e o Brasil.

Angela Duncan passara um mês na cidade oceânica e muito raramente viera à superfície. O panorama do céu, colorindo-se nos crepúsculos e alvoradas, ou da superfície calma do oceano profundo 120 metros além da borda, podia ser apreciado através do vídeo-rama, ao vivo ou em *replay*, dentro do seu quarto aromatizado e climatizado.